

Simonsen: EUA confiam na seriedade do Brasil

Economia

Da sucursal do
RIO

A visão geral dos banqueiros norte-americanos é a de que o Brasil é um país que tem enfrentado com extrema seriedade o problema do ajuste do seu balanço de pagamento. A afirmação foi feita, ontem, no Rio, pelo ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, que voltou dos Estados Unidos após participar, em Nova York, de um seminário sobre problemas econômicos brasileiros.

"No encontro com os banqueiros, ao qual estiveram presentes o embaixador do Brasil na Inglaterra, Roberto Campos, e o diretor do Banco Central, Chagas Meirelles, falamos do esforço do governo brasileiro em melhorar o seu balanço de pagamentos. E, em resposta, eles reafirmaram a sua confiança em nosso país", disse Simonsen.

Simonsen não concordou com a previsão do ministro Delfim Netto de que a economia brasileira crescerá 5% este ano, apesar da continuidade da recessão. Para ele, ainda é cedo para comentários sobre o comportamento do PIB, uma vez que somente no fim do ano serão levantados os dados sobre a reativação da economia.

"Por enquanto, se me perguntam se é

possível esse crescimento, eu respondo que possível é. E se me perguntam se estou certo disso, obviamente direi que não. Isso vai depender muito dos instrumentos de política econômica que o ministro Delfim Netto tem como manejar e eu não tenho", acentuou.

"SPREAD"

Segundo o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, os bancos estrangeiros ainda não se manifestaram sobre a possibilidade de um aumento do spread (taxa de risco cobrada nos empréstimos externos) para o Brasil, em decorrência da incerteza da situação argentina e da decisão desse país de proibir o repatriamento de lucros das empresas estrangeiras. Ele espera, inclusive, que a situação na Argentina se normalize nos próximos dias.

"De qualquer forma, não vejo nenhuma correlação entre o Brasil e a Argentina nesse caso. Acho que todos os banqueiros internacionais sabem que cada país tem sua individualidade. Sabem, também, que a história econômica do Brasil é muito diferente da da Argentina. Portanto, todos os banqueiros são extremamente informados sobre a situação dos seus clientes. Nenhum banqueiro, hoje, classifica a América Latina como um bloco homogêneo. Ao contrário, eles sabem distinguir cada país."